



1

https://www.gestiopolis.com/wp-content/uploads/2013/03/5043141711_aa13421867_b-800x600.jpg

1

POLÍTICA ECONÔMICA

- O PIB – Produto Interno Bruto é o somatório anual de todas as riquezas produzidas pelo País. Uma das formas de medi-lo é através da renda gerada pelos diferentes setores da economia, representado pela equação:

$$C(y) + I(r) + G + (X - M)(x) = Y \text{ onde:}$$

$C(y)$ é o consumo das famílias, função direta da renda y auferida

$I(r)$ é o investimento das empresas, função indireta da taxa de juros r

G é o gasto do governo

$X - M(x)$ é o saldo de exportações X e importações M em função direta da taxa de câmbio x

Y é a renda agregada como medida pelo **PIB**

2

2

POLÍTICA ECONÔMICA

$$C(y) + I(r) + G + (X - M)(x) = Y$$

- $I(r)$ será definido pela Política Monetária,
- G será definido pela Política Fiscal,
- $(X - M)(x)$ será definido pela Política Cambial
- $C(y)$ será definido pela Política de Rendas

Cada uma delas tem sua dinâmica própria no rumo de seus objetivos específicos e no contexto de política econômica global.

3

3

AGREGADOS MACROECONÔMICOS

- **Consumo**
 - Bens duráveis
 - Bens de consumo
 - Serviços
- **Investimento**
 - Produção – fábricas
 - Habitação – construção residencial
 - Variação nos estoques

4

4

AGREGADOS MACROECONÔMICOS

- **Exportações Líquidas de Bens e Serviços**
 - Exportações
 - (-) Importações
- **Gastos do Governo (Consumo Público)**
 - Custeio (saúde, educação, segurança...)
 - Investimento (construção de portos, estradas...)
- **PNB = C + I + EL + G = RNB**
- **RND = RNB + Transf. Líquidas do Resto do Mundo**

5

5

CONSUMO e RENDA

○ Consumo

Corresponde à **parcela** da renda destinada à aquisição de bens e serviços para a satisfação das necessidades dos indivíduos.

Os bens são classificados em 3 categorias:

- Bens de Consumo Leve (BCL):
- Bens de Consumo Duráveis (BCD):
- Serviços:

6

6

CONSUMO e RENDA

- **Bens de Consumo Leve (BCL):**
produtos que são consumidos rapidamente, como por exemplo roupas, bebidas, alimentos.
- **Bens de Consumo Duráveis (BCD):**
produtos que demoram um tempo maior para serem consumidos, como por exemplo eletrodomésticos, carro, eletroeletrônicos.
- **Serviços:**
atividades como educação, transporte, seguros, serviços bancários, salão de beleza, etc.

7

7

CONSUMO e RENDA

- Quando estudamos as decisões de consumo, também esbarramos nas **decisões de poupança**, que segundo alguns, é o **determinante do investimento** e, portanto, do crescimento econômico.

$$Y = C + S$$

onde:

Y = renda, C = consumo, S = poupança)

8

8

CONSUMO e RENDA

- A renda das famílias tem 3 destinos:
 1. ser consumida;
 2. poupada;
 3. usada em impostos.

Assim, o pagamento dos impostos, deduzidos da renda, dá-nos a renda pessoal disponível, esquematicamente:

$$Y_d = Y - T$$

onde: Y_d = renda disponível, Y = renda, T = tributos

9

9

CONSUMO e RENDA

- **É com base na renda disponível que os agentes decidem quanto consumir e poupar.**

A **poupança** pode ser considerada como uma opção do indivíduo por maior **consumo futuro**.

O nível de consumo depende da renda. Assim, quanto maior for a renda, maior tende a ser o consumo. Essa relação é a **Lei Psicológica Fundamental (LPF)**, desenvolvida por J. M. Keynes.

- os indivíduos aumentam o consumo conforme a renda aumenta, mas não na mesma magnitude, pois ocorre também um aumento da poupança.

10

10

CONSUMO e RENDA

- A parcela do aumento de renda destinada ao **consumo** é denominada **Propensão Marginal a Consumir (PMgC)** e a parcela destinada à **poupança** é a **Propensão Marginal a Poupar (PMgS)**.

O valor da **PMgC** e da **PMgS** depende de:

- **fatores objetivos**
custo de subsistência, distribuição de renda, grau de desenvolvimento do sistema financeiro, inflação, etc.
- **fatores subjetivos**
avareza, egoísmo, receio, incerteza, etc.

11

11

CONSUMO e RENDA

- Há uma **relação positiva** entre **nível de renda** e **nível de consumo**.

Segundo o senso geral, **os pobres consomem o que ganham** (renda), enquanto que os **ricos conseguem poupar** parte do que ganham.

Segundo Keynes, os indivíduos com maiores rendas (assim como sociedades) tendem a possuir um nível absoluto de consumo maior, mas com menor participação desse consumo no total da renda, ou seja, a **taxa de poupança aumenta com o aumento da renda**.

12

12

CONSUMO e RENDA

- Não só a renda corrente afeta o nível de consumo.
 Outras variáveis também devem ser consideradas, uma vez que a decisão de consumo não se baseia em um único período, mas refletir uma **escolha intertemporal**, em que ele visa maximizar seu nível de consumo ao longo da vida.
 Assim, **níveis de riqueza** e **taxa de juros** tendem também a afetar as decisões de consumo e poupança.
 Ao estender-se o período considerado na decisão de consumo, as **expectativas sobre o futuro** passam a desempenhar um **papel central** no nível de consumo corrente.

13

13

CONSUMO e RIQUEZA

- Imagine 2 famílias com o **mesmo nível de renda**.
 Uma delas já possui um carro e uma casa.
 A outra não possui propriedade nenhuma.
 Apesar das duas possuírem o mesmo nível de renda, a primeira possui uma riqueza acumulada que lhe dá garantias em relação ao futuro, enquanto que a segunda não.
 Assim, a primeira pode consumir mais e preocupar-se menos com o futuro, enquanto que a segunda precisa poupar, para garantir o futuro.
 Desta forma, dado um nível igual de renda, tende a consumir mais quem possuir maior riqueza.

14

14

CONSUMO e RIQUEZA

- A riqueza (**R**) pode ser decomposta em Ativos Reais (**AR**) como por exemplo uma casa; em Ativos Financeiro (**AF**) como por exemplo ações e Capital Humano (**CH**), decorrente do grau de qualificação e estudo.

Esquemáticamente, temos:

$$\mathbf{R = AR + AF + CH}$$

15

15

CONSUMO e RIQUEZA

- Conforme a decomposição da riqueza, pode-se perceber que **quando ocorre uma valorização das ações na Bolsa de Valores, amplia a riqueza dos indivíduos e consequentemente, o consumo.**

Efeito riqueza → ocorre quando há uma queda nos preços dos ativos, podendo levar a uma retração do consumo e da atividade econômica.

Com a introdução da riqueza, a decisão de consumo deixa de ser baseada na renda corrente e passa a ser influenciada pela **geração de renda ao longo da vida do indivíduo**. Dois modelos de função consumo consideram esse fato:

16

16

CONSUMO e RIQUEZA

1. Modelo do ciclo de vida de Ando-Modigliani

os indivíduos poupam quando jovens, para despoupar na velhice.

2. Modelo da renda permanente de Milton Friedman

a renda dos indivíduos pode ser decomposta em elementos: a **renda permanente** – aquela que ele espera que seja média ao longo da vida – e a **renda transitória** – que são desvios da renda corrente em relação à renda permanente.

- A renda transitória pode ser **positiva** ou **negativa**. O modelo demonstra que o indivíduo **consome** com base na **renda permanente** e não na renda corrente, cujo comportamento é **afetado pela renda transitória**.

17

17

CONSUMO e TAXA de JUROS

- Considerando a decisão de consumo como uma **escolha intertemporal**, isto é, que o indivíduo traça um plano de consumo **para a vida toda**, a **taxa de juros** desempenha um papel relevante.

A poupança é vista como uma **renúncia ao consumo presente**, para **consumir mais no futuro**.

O indivíduo, para abrir mão do consumo presente, exige uma **remuneração (taxa de juros)**, que será acrescida à poupança original, com o intuito de ter um **valor maior no futuro para consumir**.

18

18

CONSUMO e TAXA de JUROS

- A taxa de juros reflete o preço do consumo hoje em termos de consumo futuro.

Assim, quanto maior for a taxa de juros, mais os indivíduos vão querer poupar hoje, o que reduzirá o consumo presente. Esse é o chamado **Efeito-substituição**.

Olhando o mecanismo de financiamento aos consumidores teremos o mesmo resultado: quanto **mais elevada** for a taxa de juros, **menos estimulado** ele estará em captar empréstimos, pois terá que sacrificar uma parcela da renda futura para pagar o custo do empréstimo.

19

19

CONSUMO e TAXA de JUROS

- Mudanças na taxa de juros tendem a ter impactos diferenciados sobre os agentes econômicos, dependendo de estarem endividados ou serem poupadores.

Se a maior parte for de aplicadores, possui ativos que rendem juros, um aumento na taxa de juros faz com que a renda destes aumente, o que aumenta o consumo.

Gerando o efeito-riqueza.

Há também o impacto de variações na taxa de juros sobre a **poupança pública**. Se o **governo** estiver **muito endividado**, uma elevação da taxa de juros tende a **eleva o déficit público** por meio de **maiores gastos** com a rolagem e com o pagamento de serviços dessa dívida.

20

20

INVESTIMENTO

○ Conceito

Corresponde à aquisição de bens de capital (máquinas, equipamentos, edifícios e outros), com o objetivo de gerar maior produção futura.

O Investimento constitui um **elo** entre o **curto** e o **longo prazo**.

21

21

INVESTIMENTO

○ Decisão de investir

Principal fator é o **retorno esperado do Investimento**

Depende do **fluxo de receita futura**, comparando com os gastos em sua execução.

- **Fluxo de receita futura**

Depende do preço e da quantidade que se espera vender.

22

22

INVESTIMENTO

○ Decisão de investir

Duas variáveis principais afetam o Investimento:

Taxa de juros:

Quanto **maior a taxa**, **menor** será o **Investimento**, e o **inverso** ocorrerá quanto **menor for a taxa**.

Expectativa:

Se houver **otimismo** em relação ao futuro (crescimento econômico), **o fluxo de receita será alto**, logo, o investimento será alto. Se houver **pessimismo**, a situação **inverter-se-á**.

23

23

INVESTIMENTO

Expectativa:

Quando a **incerteza sobre o futuro** é forte, e as previsões devem ser constantemente alteradas, o Investimento não tem como se realizar.

Para haver Investimento:

Pressupõe-se um **quadro de estabilidade**, tanto dos principais preços da economia, como das “regras do jogo.”

24

24

INVESTIMENTO e POUPANÇA

- **Para que haja Investimento é necessária a existência de Poupança (S)?**

O Investimento amplia a **Demanda Agregada** (DA) à curto prazo, estimulando a produção e a geração de renda.

Também afeta a capacidade de **Oferta** da economia à longo prazo.

Tanto à curto como à longo prazo, observa-se uma **relação direta** entre **Investimento e Crescimento econômico**.

25

25

INVESTIMENTO e POUPANÇA

- Modelos de **curto prazo**
Consideram a possibilidade de desemprego.
- Modelos de **longo prazo**
Consideram o pleno emprego dos fatores.

26

26

INVESTIMENTO e POUPANÇA

○ Modelos de curto prazo

Um aumento no Investimento por si só **estimula a produção de bens de capital**, aumentando o produto da economia.

Diretamente

O Investimento gera aumento do emprego, e com isso mais renda para os indivíduos.

Indiretamente

Como os indivíduos tendem a consumir mais quando a renda aumenta, isso aumenta a Demanda por bens de consumo (estimulando a sua produção).

27

27

INVESTIMENTO e POUPANÇA

Como **parte da renda** é canalizada para o consumo, a Poupança também aumenta.

Multiplicador Keynesiano

A variação da renda é maior que a variação no gasto inicial que a originou.

Essa possibilidade está associada **à existência de desemprego de Fatores de Produção**, ou seja, a economia está operando em um ponto abaixo da CPP (Curva de Possibilidade de Produção).

O que o empresário precisa é de **poder de compra** para colocar em uso os fatores de produção que se encontram ociosos e não somente de poupança (S).

28

28

INVESTIMENTO e POUPANÇA

○ Modelos de longo prazo

A existência de poupança é **precondição** para a realização do Investimento, e a **magnitude** da poupança **limita** o quanto se pode investir.

Se o **objetivo** for **aumentar o Investimento**, isso só será possível com a **ampliação da poupança** (redução do consumo).

29

29

INVESTIMENTO e POUPANÇA

- O Investimento possibilita o crescimento do produto potencial. Assim **a riqueza de um país no futuro depende de seu nível de Investimento hoje.**

Pode-se perceber que, com raras exceções, os países que apresentam as maiores taxas de Investimento são aqueles que apresentam o maior crescimento.

Brasil: os mecanismos de financiamento ao Investimento ficaram na dependência das linhas de financiamento públicas e dos recursos externos.

30

30

INVESTIMENTO e FINANCIAMENTO

- Existe a possibilidade de restrição ao crédito e condições não adequadas às necessidades do investidor.

Assim, a **institucionalidade financeira** deve, de alguma forma, afetar os Investimentos.

O lugar em que se dá à intermediação de recursos é o chamado **mercado financeiro**.

A **instabilidade econômica** (altas taxas de inflação, oscilações na taxa de juros e nas “regras do jogo”), faz reinar um ambiente de **incerteza**.

31

31

INVESTIMENTO e FINANCIAMENTO

- Todas as aplicações financeiras tendem a se concentrar no curto prazo.

Com isso, não se consegue criar um ***funding*** estável de financiamentos de longo prazo.

Os **ativos de longo prazo** tendem a apresentar maior risco e menor preferência por parte dos aplicadores, por isso deve oferecer maior rentabilidade para estimular a demanda.

Característica dos bancos comerciais:

Conceder crédito de longo prazo com recursos de curto prazo.

32

32

INVESTIMENTO e FINANCIAMENTO

- A inexistência de condições financeiras adequadas, pode **inviabilizar o Investimento e sacrificar o crescimento.**

Situações como essa, possibilitaram a criação de sistemas públicos de financiamentos (BNDES).

BNDES

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

Presidente atual: Gustavo Henrique Moreira Montezano

33

33

INVESTIMENTO e CRESCIMENTO ECONÔMICO

- As empresas tendem a investir mais em períodos em que a demanda está aquecida.

Relação entre desempenho econômico e o Investimento:

Ampliar estoques para atender vendas futuras

o investimento em estoques é pró-cíclico (aumenta com o crescimento econômico).

O aumento das vendas faz o lucro se elevar, ampliando a possibilidade de investir com recursos próprios.

O aumento dos lucros amplia o patrimônio líquido das empresas, que serve como garantia para a obtenção de empréstimos.

34

34

**Etapa concluída
Muito obrigado!**

35

35

BIBLIOGRAFIA

○ **Básica:**

- ASSAF NETO, Alexandre. Mercado financeiro. 10ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- HOJI, Masakazu. Administração Financeira e Orçamentária. 8a ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- GITMAN, Lawrence. MADURA, Jeff. Administração financeira: uma abordagem gerencial. 10. Ed. São Paulo: Pearson, 2010.

36

36

BIBLIOGRAFIA○ **Complementar:**

- CALADO, Luiz Roberto. Regulação e Autoregulação do mercado financeiro. São Paulo: Saint Paul, 2009
- FORTUNA, Eduardo. Mercado financeiro: produtos e serviços. 17ª ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008.
- KERR, Roberto. Mercado financeiro e de Capitais. São Paulo: Pearson Brasil, 2011.

37

37

BIBLIOGRAFIA○ **Complementar:**

- MATARAZZO, Dante Carmine. Análise Financeira de Balanços: abordagem básica e gerencial. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- SECURATO, José Roberto; SECURATO, José Cláudio (coord.). Mercado financeiro: conceitos, cálculo e análise de investimento. 3. ed. São Paulo: Saint Paul, 2011.

38

38